

## COREIA DO NORTE

## Kim Jong-un desafia os EUA

Ao inspecionar o lançamento do Hwasongpho-17, líder declarou que novo míssil mostra a “formidável capacidade militar” de Pyongyang e acrescentou que o país “está totalmente preparado” para um confronto de longo prazo com norte-americanos

**D**urante o governo do republicano Donald Trump, Kim Jong-un ensaiou a aproximação com os Estados Unidos e chegou a se encontrar pessoalmente com o republicano em três ocasiões — em duas cúpulas e em uma visita à Zona Desmilitarizada, na fronteira entre as Coreias. Os supostos avanços diplomáticos não surtiram efeito prático. Ao supervisionar o lançamento do Hwasongpho-17, um novo tipo de míssil balístico intercontinental (ICBM), o ditador norte-coreano anunciou que seu país tem “uma formidável capacidade militar e técnica, imperturbável diante de qualquer ameaça militar ou chantagem”.

Kim avisou que a Coreia do Norte está “totalmente preparada para um confronto de longo prazo com os imperialistas norte-americanos”.

De acordo com o ditador, o novo ICBM “desempenhará sua missão como uma poderosa dissuasão ante uma guerra nuclear” e “tornará o mundo claramente consciente do poder das forças armadas estratégicas do país”. O lançamento do Hwasongpho-17, na quinta-feira, teve um viés quase cinematográfico. A agência estatal de notícias KCNA divulgou imagens do teste em vários ângulos, cenas da visita de Kim ao local do disparo e fotos do ditador comemorando, de forma efusiva, o sucesso da manobra. Tudo acompanhado de música ao fundo.

A KCNA informou que “o míssil, lançado do Aeroporto Internacional de Pyongyang, deslocou-se a uma altitude máxima de 6.248,5km e voou 1.090km por

KCNA/KCS/AFP



Kim (C) caminha diante do míssil Hwasongpho-17, pouco antes do teste bélico, supostamente no Aeroporto Internacional de Pyongyang

4.052 segundos, antes de atingir, com precisão, uma área predefinida em águas abertas” no Mar do Japão. O Hwasongpho-17 foi exibido pela primeira vez em um desfile, em outubro de 2020, e definido como um “míssil monstro”.

O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) reuniu-se, ontem, em caráter de emergência, para debater o tema. Por sua vez, o G7 — grupo dos países mais industrializados do mundo (Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França,

Itália, Japão e Reino Unido, mais a União Europeia) — condenou “veementemente” o lançamento, chamando-o de “violação flagrante” das obrigações de Pyongyang com as Nações Unidas. O Hwasongpho-17 chegou mais alto e mais longe do que qualquer projétil previamente testado pelo país. O fato de o artefato ter capacidade nuclear aumenta a preocupação da comunidade internacional.

“Essas ações imprudentes ameaçam a paz e a segurança

regional e internacional, representam um risco perigoso e imprevisível para a aviação civil internacional e a navegação marítima na região e exigem uma resposta unida da comunidade internacional”, acrescentaram os chanceleres dos sete países-membros do G7 e do Alto Representante da União Europeia, por meio de um comunicado divulgado ao fim da cúpula, em Bruxelas.

Os signatários do texto pedem à Coreia do Norte “que aceite as

repetidas ofertas de diálogo apresentadas por todas as partes interessadas, incluindo os Estados Unidos, a República da Coreia e o Japão” e “que abandone seus programas de armas de destruição em massa e mísseis balísticos de forma completa, verificável e irreversível”.

## Analistas

O analista de segurança Ankit Panda declarou à agência France-Press que “a Coreia do Norte



**Essas ações imprudentes ameaçam a paz e a segurança regional e internacional”**

**Comunicado do G7, grupo dos países mais industrializados do mundo**

fez um progresso qualitativo importante” com o lançamento do novo ICBM. “Os norte-coreanos estão no limiar de aumentar significativamente a ameaça aos Estados Unidos”, advertiu, antes de apontar que o míssil testado pode transportar várias ogivas e evitar de maneira mais fácil os sistemas de defesa antimísseis.

Na semana passada, a Coreia do Sul relatou um teste fracassado no mesmo aeroporto de Pyongyang: o projétil teria explodido no céu da capital. Analistas afirmaram que era o Hwasongpho-17. A KCNA indicou que o teste mais recente demonstrou que a arma atende aos “requisitos de design” e pode ser usada “em tempos de guerra”. “Este teste parece ‘compensar’ o lançamento frustrado da semana passada”, disse à AFP Soo Kim, analista da Rand Corporation e ex-funcionária da CIA. “O regime parece bastante satisfeito com o resultado”, acrescentou.

## CHILE

## Jovem é baleado após marcha estudantil

Um jovem foi baleado ao participar de uma marcha estudantil no centro de Santiago, onde indivíduos encapuzados provocaram alguns episódios de violência, no primeiro protesto durante o governo do presidente de esquerda Gabriel Boric, com apenas duas semanas no cargo. De acordo com o vice-secretário do Interior, Manuel Monsalve, o manifestante foi ferido por uma arma de um “funcionário de trânsito, não do Controle de Ordem Pública”.

Pouco depois, a ministra do Interior, Izkia Siches, reunida na cidade vizinha de Viña del Mar com o presidente Boric,

informou que se trata de um jovem de 19 anos. Ela disse que o rapaz “foi ferido por um impacto de bala no tórax” e qualificou o fato como “gravíssimo”.

Os ministros da Educação, Marco Aguilar, e da Saúde, María Begoña Yarza, que participaram com o presidente de uma reunião extraordinária de ministros e parlamentares da coalizão de governo, viajaram imediatamente a Santiago para saber do estado de saúde do jovem, que não corria risco de vida.

Segundo a polícia, o funcionário disparou sua arma de serviço para se

defender quando, junto com outros colegas que desviavam o trânsito, foram atacados por um grupo de indivíduos não identificados. “A proporcionalidade será investigada e seus detalhes serão colocados à disposição das instâncias correspondentes”, disse a general dos Carabineros, Marcela González.

A Força Aérea do Chile informou, por sua vez, que três de seus funcionários foram atacados com pedras e com outros objetos por participantes da marcha. “É muito importante que o trabalho de resguardo da ordem pública sempre esteja acompanhado da proteção

dos direitos humanos das pessoas”, afirmou a porta-voz do governo, Camila Vallejo. “Isso vai implicar o grande desafio que temos como governo pela frente (...), que é a reforma dos Carabineros”, uma instituição questionada por agir para controlar as manifestações sociais, acrescentou, em referência à força policial.

Os manifestantes pediam um aumento do valor de um cartão de alimentação entregue pelo Estado, equivalente a cerca de dois dólares por dia, e foram recebidos por autoridades do Ministério da Educação.



Universitários pediam aumento no valor do cartão de alimentação

## Conexão diplomática



por Silvío Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## À espera dos próximos lances

O saldo da reunião da semana que termina entre os líderes dos países-membros da Otan, em Bruxelas, confirma que a opção da Rússia por uma solução militar para o impasse na Ucrânia teve, por ora, resultado oposto ao alegado pelo presidente Vladimir Putin quando lançou o ataque. Com a presença de Joe Biden, a aliança ocidental anunciou o deslocamento de quatro grupos de combate para reforçar o contingente de 40 mil efetivos presente no Leste Europeu.

Com um mês recém-completado, a guerra na Ucrânia se comporta como uma safra de incógnitas, mas, entre elas, se insinua a certeza de que um novo equilíbrio político-militar se desenha no Velho Mundo. Os desdobramentos dessa reconfiguração estratégica têm alcance global e dizem respeito ao planejamento estratégico de política externa de qualquer país que tenha — como o Brasil — vocação ou projeto para se inserir no debate geopolítico.

A sorte do conflito, no campo de batalha, segue incerta. Mas qualquer

solução será definida tendo a Ucrânia como o ponto crítico da fronteira não escrita entre a Otan e a Rússia. De lado a lado, tropas de combate em concentração crescente. E poderio bélico empilhado, inclusive nas águas do Mar Negro.

## Contradança

Na tribuna do quartel-general de Bruxelas, Biden e os colegas se sucederam em discursos sobre a unidade recomposta da aliança. Nos bastidores, porém, os líderes dos dois países que comandam politicamente a União Europeia seguem operando em faixa própria. O chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, e o presidente da França, Emmanuel Macron, persistem na telediplomacia com o Kremlin, em base quase cotidiana.

Além da agenda econômica própria, em que o suprimento energético encabeça as preocupações imediatas, a dupla da UE administra a necessidade de se equilibrar também nas instabilidades entre os EUA e a China. Sob Trump, as negociações para um acordo

comercial entre Washington e Bruxelas foram para escanteio. Biden, espremido entre a pandemia e a Ucrânia, tem outras prioridades.

A Europa se movimenta no salão sem desprezar pares potenciais para a contradança.

## Ondas de choque

Do ponto de vista dos que não participam diretamente, o impasse militar no Leste Europeu se assemelha ao epicentro de um abalo sísmico na economia e no sistema de relações internacionais. Como parte das sanções ao Kremlin, a Europa prepara a migração da atual cadeia de suprimento energético, baseada no fornecimento de gás pela Rússia. De imediato, o cenário se manifesta na disparada das cotações internacionais dos combustíveis.

Na frente monetária, o cerco ao rublo, pilotado da Casa Branca, provoca reacomodações de consequências ainda por medir. A China, que se movimenta pelas beiradas, espreita a oportunidade de fomentar trocas comerciais, tendo como moeda o iuan. E sinaliza uma estratégia

de longo alcance que tem como ingrediente a quebra da posição hegemônica do dólar.

## Na sombra

No tabuleiro político do Oriente Médio, sempre tenso, outro jogador trata de aproveitar as atenções concentradas no Leste Europeu para adiantar a própria agenda. O Irã é objeto de sanções dos EUA desde 2018, quando Donald Trump retirou Washington do acordo multipartite sobre o programa nuclear da República Islâmica. Esteve, mais do que nunca nesse período, sob a ameaça constante de um ataque preventivo de Israel, determinado a preservar a condição de única potência atômica na vizinhança.

Com o empenho da Casa Branca focado na Ucrânia, a indispensável retaguarda americana a qualquer movimento mais brusco do Estado judeu fica comprometida. Como complemento, Biden acena com a retomada de negociações sobre o programa nuclear, manobra que abriria caminho para o relaxamento das sanções. Sem elas, o petróleo e o gás iranianos poderiam entrar no

mercado internacional e contribuir para uma baixa dos preços.

Por ironia, o governo reformista derrotado pela crise econômica, depois de ver frustrado o acordo negociado com as grandes potências, poderá ver o país “sair do sol” sob o comando de um conservador.

## Licença para pregar

Completamente ao largo das questões centrais de política externa, em ano eleitoral e com os desafios do cenário reservados para o próximo governo, o Itamaraty expediu passaportes diplomáticos para o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal, e para a mulher. O documento faculta ao titular mais do que comodidades de embarque, desembarque e imigração, nas viagens internacionais. Possibilita a dispensa de visto para a entrada em alguns países e implica também resguardo legal no exterior.

Na portaria publicada ontem pelo *Diário Oficial da União*, a decisão é justificada em nome da “missão”, atribuída ao casal, de “participar de atividades religiosas” além das fronteiras. A concessão de passaporte diplomático é prevista como instrumento a serviço “dos interesses nacionais”.